

KURT VONNEGUT, JR: A CIDADE ATRAVÉS DO ESPELHO

WINIFRED KERA STEVENS *

Lendo a sétima obra de Kurt Vonnegut, **Almoço de Campeões**¹, publicada em 1973 e recebida com bastante entusiasmo por um crítico como Vintage Vonnegut², várias vezes me ocorreu a idéia: "Do que me faz lembrar este conto?"

Então, quase no final, Vonnegut induz uma de suas personagens a fazer algo que ele: "durante muitos anos almejava que uma de suas personagens fizesse"³. Era aquilo que a Duquesa fez para Alice no livro de Lewis Carroll **Alice no Mundo das Maravilhas** quando ela descansou o queixo no ombro de Alice e lá o abrigou⁴. Subitamente, lembrei-me de que aqui estava aquela idéia constante — os livros de Alice, o acima mencionado e sua seqüência, **Alice no Fundo do Espelho e O Que Lá Encontrou**.

Eu já os havia lido há muitos anos, sem dúvida. **Alice no País das Maravilhas** estava bem claro em minha memória mas agora reli ambos com muito maior prazer do que quando era mais jovem. (Sabemos que os adultos gostam mais destes livros que as crianças, hoje em dia). Ficou claro para mim que, se por um lado existem muitos ecos de **Alice no Mundo das Maravilhas** em **Almoço de Campeões**,

• Licenciada em Letras pela Universidade de Londres, Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, em 1952 com a tese *Some English characters and themes in XIX century Portuguese Literature*. Autora de vários artigos publicados em revistas especializadas leciona Literatura Inglesa e Norte-Americana na Universidade de São Paulo.

• Conferência apresentada no VI Seminário de Literatura Norte-Americana, na Universidade Federal do Paraná, em janeiro de 1975. Versão para o português: Eva Cristina Rodrigues Avelar — (Auxiliar de Ensino da Universidade Federal do Paraná).

1 VONNEGUT, Jr. Kurt. *Breakfast of Champions*. New York, Dell, 1973

2 Crítico do *Miami Herald*, apud op. cit.

3 VONNEGUT, p. 252

4 CARROLL, Lewis. *The Annotated Alice, Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass*, (With an Introduction and Notes by Martin Gardner). Harmondsworth, Penguin Books, 1970, Revised Edition, p. 120.

por outro lado **No Fundo do Espelho** seria muito mais corretamente chamada uma obra do século XX. Este trabalho está baseado num estudo comparativo dos dois textos, um estudo que revelou uma riqueza de material do qual apenas uma pequena parte poderá ser aqui abordada, por causa do curto espaço de tempo. Justificamos assim o sub-título — “Algumas Considerações sobre Paralelismos”. Como a maior parte das ações acontece numa cidade do Centro-Oeste, e uma vez que a afinidade entre as duas obras foi estabelecida, pareceu-me bastante adequado o título A CIDADE ATRAVÉS DO ESPELHO.

Voltemos às nossas breves considerações.

Nas primeiras páginas de **Alice no Mundo das Maravilhas**, ela comenta: “De que vale um livro sem figuras ou diálogos?”⁵ Os livros de Alice têm ambos.

Assim que abrimos o último, encontramos lendo o título impresso naquele formato comum de roupa de rapazes, as camisas em T, depois um grande OU contra um fundo estrelado, ou então ADEUS SEGUNDA-FEIRA TRISTE! como se dito por um membro bem nutrido da espécie bovina (a mesma ilustração usada mais tarde para o animal do qual é feito um “hamburger”). Estas ilustrações por toda parte, desenhadas pelo próprio autor, são inconfundíveis, como também o são as bem conhecidas ilustrações de Tenniel para os livros de Alice. A primeira impressão do leitor ao abrir estes divertidos livros é, provavelmente, como a de Alice, a de uma simpatia para com um trabalho ilustrado e, talvez, um certo pesar de que os contos ilustrados sejam raros hoje em dia.

Se para alguns a obra **No Fundo do Espelho** é uma lembrança distante, aqui vai um breve lembrete desta encantadora estória. Alice, epítome da infância vitoriana, com seu grande talento para o “fazer-de-conta”, depois de um jogo de xadrez começa a pensar em voz alta e quer que sua gatinha imite a Rainha Vermelha. (As peças de xadrez são vermelhas e brancas). Não é de surpreender que a gatinha pareça relutante, então é posta em frente ao espelho, para que possa ver como estava manhosa e é ameaçada de ser jogada na Casa do Espelho, do outro lado. Alice expõe suas idéias sobre o mundo através do Espelho, onde tudo é de maneira inversa ao organizado mundo vitoriano deste lado. De súbito, provavelmente tendo cochilado, ela se encontra neste mundo às avessas, onde tudo é surpreendente. Talvez o mais surpreendente seja que o mundo em que ela se encontra esteja delimitado como um enorme tabuleiro de xadrez, com pequenos riachos dividindo os quadrados. Sob as instruções da

5 CARROLL, p. 25.

Rainha Vermelha, Alice prossegue sendo parte do jogo, avançando pelos vários estágios de um jogo de xadrez bem planejado, até que ela mesma se torne Rainha e um cheque-mate é conseguido.

Ao longo do caminho ela tem aventuras admiráveis, encontrando algumas personagens inesquecíveis tendo uma série de diálogos extraordinariamente importantes com peças de xadrez, figuras de canções de ninar, flores, animais, pássaros, e insetos. Tudo é diferente, como condiz com um mundo do outro lado do Espelho e entretanto, por toda a parte, existe um pôr-em-questão ou confirmação subjacentes dos valores estabelecidos do mundo que Alice deixou para trás. A estrutura é uma obra de arte. Cada estágio, aventura e jogada encaixa-se perfeitamente dentro de um todo e nada é fortuito.

Apesar de um século, um oceano e muitas gerações separarem as duas obras, poder-se-ia dizer que o conto **Almoço de Campeões** tem um curioso paralelismo com o da segunda viagem de Alice a um outro mundo. Ainda mais importante, como comentarei detalhadamente a seguir, é que o autor tem, e assim o confessa, uma visão através do Espelho. Ao virarmos as páginas, objetos e pessoas familiares são apresentados sob um novo disfarce, em situações familiares, se bem que estranhas.

Existe uma estranha semelhança com um jogo de xadrez no resumo do conto. Kilgore Trout, um escritor de ficção científica não muito bem sucedido em Nova York, casualmente chama a atenção do milionário Eliot Rosewater. Este consegue que Kilgore seja convidado a tomar parte no Festival de Artes de Midland City. Problemas financeiros fazem com que Kilgore Trout viaje pedindo carona para o oeste e ele se esforça e atravessar os limites do estado tão avidamente como um peão de xadrez avançando para ocupar o lugar da Rainha. Sua jornada é cheia de incidentes, até na maneira pela qual ela revela sua própria personalidade e formação. Apesar de Kilgore não o perceber, ele está levando "os segredos da vida" para Dwayne Hoover, um próspero vendedor de carros Midland City. Dwayne é outro entre os inúmeros vendedores americanos, heróis e anti-heróis — entre os quais o mais conhecido naturalmente é Willy Loman de Arthur Miller. O próprio Dwayne está à beira de um esgotamento nervoso, enquanto ele, suas memórias do passado, seus conhecidos, sua amante, seus empregados, colidem uns contra os outros como peças num tabuleiro de xadrez, todos se dirigindo apressadamente para um fim. O clímax tem lugar no bar do hotel Holiday, onde Hoover pergunta a Trout, esfarrapado como um mendigo e recém-chegado, qual é sua mensagem e senta-se a seu lado, apoiando o queixo no ombro de Trout e lá o abrigando, no desconfortável estilo da

Duquesa. Dwayne pega uma cópia de um dos contos de Trout, **Agora Pode Ser Dito**, escrito na forma de uma carta aberta e no qual ele lê com avidez que ele, Dwayne, é a única criatura em todo o universo que tem vontade livre — todos os demais são máquinas. Esta ênfase em pessoas tornando-se máquinas é um dos temas constantes do conto. Depois deste encontro, Dwayne imediatamente fica raivoso, quase como o Chapeleiro Louco, e começa uma rápida carreira de violência, enquanto Trout continua em direção a um futuro glorioso como famoso pioneiro em saúde mental, do qual cada palavra é tida em grande estima.

O aspecto mais interessante deste significativo encontro das duas personagens tão diferentes e assim mesmo complementares, é que ele é observado pelo ser Criador. O autor descreve-se a si mesmo como pedindo pacificamente um whisky "Black and White" e observando o curso dos acontecimentos. Mais tarde ele até conversa com suas personagens.

Ainda como em Alice, o conto é construído engenhosamente e nada é supérfluo. Tem uma riqueza tal que uma breve explicação só pode dar uma idéia vaga. Tem também, como os livros de Alice, a qualidade que tornou Kurt Vonnegut tão popular com os críticos e com o público — aquela rara qualidade hoje em dia — o humor.

Mas este é um paralelismo que não entra no espaço destas considerações.

VIDRO REFLETOR OU ESPELHO

Há mais de cem anos, o decano de Oxford, Charles Dogson, mais conhecido como Lewis Carroll, chamou uma garotinha chamada Alice, seus irmãos e irmãs, para verem algo "um tanto surpreendente". Ele a colocou frente a um grande espelho.

"Agora", ele disse, dando-me uma laranja, "primeiro diga-me em que mão você a tem". "A direita", eu disse. "Agora", ele disse, "vá e fique em frente àquele espelho, e diga-me em que mão a garotinha que você vê lá segura a laranja". Depois de uma contemplação perplexa, eu disse: "A mão esquerda". "Exatamente", ele disse, "e como você explica isso?" Eu não podia explicar, mas vendo que uma solução era esperada, eu arrisquei dizer; "Se eu estivesse do outro lado do espelho, a laranja não estaria ainda na minha mão direita?" Eu posso lembrar-me de seu riso. "Muito bem, pequena Alice", disse ele. "A melhor resposta que obtive até agora" ⁶

6 London Times, 22 de janeiro de 1932.

Isto parece ter dado a Carrol a primeira idéia para **No Fundo do Espelho**, este quadro brilhantemente original de um mundo de pernas para o ar, no qual tudo parece estar indo pelo caminho errado e nada parece ser como é geralmente aceito.

Entretanto há uma estranha lógica nas regras que governam a ambos, os cidadãos e suas ações. Primeiramente, muitos dos próprios habitantes são como reflexos de um espelho cu complementos de si próprios. A posição das peças de xadrez no tabuleiro, no começo do jogo, com torres, bispos, e cavaleiros em pares e a relativa posição do rei e da rainha, fazem cada lado ser o reflexo do outro. Além disso, o modo inexplicável em que as peças de xadrez se movem parece seguir alguma lógica louca, semelhante àquela do mundo do Espelho.

Complementando, temos personagens como os gêmeos Tweedledee e Tweedledum, que poderiam ser o reflexo e também complemento um do outro. (Obs.: como complementos semelhantes temos jardim, selva, colinas, vale, bobagens, dicionário). A inversão é efetuada do começo ao fim, no tempo e na ação. A Rainha Branca explica a Alice o processo de "viver de trás para diante",⁷ de lembrar coisas antes de elas acontecerem. De punir antes do crime. De gritar de dor, antes que seu dedo seja picado, de modo que quando isto acontece, não há necessidade de causar transtorno. Para aproximar-se da Rainha Vermelha, Alice tem que caminhar para trás. Mais tarde o bolo é servido, depois cortado.⁸ Se Alice está com calor e sede, oferecem-lhe um biscoito e dizem-lhe para "falar em francês quando não puder pensar em inglês".⁹

A linguagem do Espelho atinge seu ápice nos brilhantes poemas sem sentido. A respeito de "Jabberwocky", o mais conhecido, escrito como se fora refletido num espelho, de modo que tem de segurá-lo à frente de um espelho para conseguir ler as misteriosas palavras, Alice observa: "Isto parece de algum modo encher minha cabeça com idéias, só que eu não sei exatamente quais seriam".¹⁰

Um comentário adequado de um espectador num mundo do Espelho. Pois Alice, apesar de tomar parte e mesmo tornar-se ela mesma uma Rainha no final, é também uma espectadora, como um visitante do espaço sideral. Sem ênfase desnecessária, repetidas vezes ela usa o mundo do qual veio como uma pedra-de-toque. Lembrem-se que, quando ela estava na colina estudando os contornos do território

7 CARROLL, p. 247-9.

8 Ibid., p. 290.

9 Ibid., p. 211-212.

10 Ibid., p. 197

que iria atravessar como um peão de xadrez, suas lembranças da sala de aula fazem-na dizer: "Isto é como aprender Geografia" ¹¹ Aqui e em muitos outros lugares, o dia a dia do mundo vitoriano, tanto através da inclusão quanto da omissão implícita, é um pano-de-fundo intangível para o mundo do Espelho e o leitor está sempre consciente de que isto está sempre lá, em algum lugar.

Voltando a **Almoço de Campeões**, poder-se-ia certamente dizer que Kurt Vonnegut usou uma abordagem de espelho para sua descrição divertida, afetuosa e original de Middle City, talvez Indianapolis, onde seu pai e avô eram arquitetos e pintores e onde ele próprio passou muitos anos. Há, por toda a parte, uma ênfase em espelhos ("mirror" uma forma mais popular agora do que "looking glass") e, em duas ocasiões, o autor se refere a eles como "buracos" entre dois universos. A primeira vez é quando Trout, que na sua maneira excêntrica chamou os espelhos de aberturas, é descrito como prevenindo uma criança a não se aproximar demais de um espelho.

"Você não gostaria de acabar em outro universo, gostaria?". Certamente é uma referência direta a Alice, a jovem heroína que realmente "acabou em outro universo" ¹².

Depois, perto do final do conto, onde o próprio autor que tinha vindo ao Festival de Arte incógnito "para observar o confronto entre dois seres humanos que eu tinha criado" (Dwayne Hoover e Kilgore Trout), colocou um par de óculos ¹³. Eram óculos especiais com lentes prateadas, para que pudessem agir como espelhos para quem quer que olhasse em direção do autor. Deste modo, assim como Alice está fascinada pelo seu sonho no Fundo do Espelho, Vonnegut está, como ele diz, "espiando através de meus espaços abertos o mundo de minha invenção" ¹⁴.

Como Alice, ele é um observador e posteriormente um participante. Assim também como os dois mundos de Alice, seus dois universos estão estreitamente relacionados e dependem na seleção e omissão do mesmo material e de uma abordagem de espelho, para suas características contrastantes. Como as próprias experiências pessoais do autor começam a se acumular no final do conto e suas lembranças auxiliam a definir mais claramente o intangível pano-de-fundo, ele recorre novamente ao espelho. Enquanto ele está desmaterializando, um pequeno espelho de mão com cabo e armação de madrepérola passa flutuando. Ele o pega facilmente e o segura em frente a seu olho direito, que, na ilustração, tem algo da aparência

11 CARROLL, p. 215

12 VONNEGUT, p. 19

13 Ibid., p. 193

14 Ibid., p. 193

de um espelho. Então um grande E.T.C., e somos deixados a imaginar que tudo vai continuar, continuar, continuar... ¹⁵.

Nosso próximo ponto é olhar a cidade do Espelho. Assim como Lewis Carrol coloca seus leitores ao lado de Alice, quando está examinando o país do jogo de xadrez que irá atravessar, somos capazes de acompanhá-la em suas viagens, assim também Kurt Vonnegut nos dá uma visão panorâmica dos estados atravessados por Kilgore Trout em sua viagem a Midland City. A teia de estradas (Interestaduais, Municipais, Saídas n.º 10) se estende através de planícies ou cruza a própria cidade; todas à disposição de Sua Majestade, onipresente, o Carro (um símbolo igualmente onipresente neste trabalho). Como a cidade é nosso principal objetivo, vamos juntar o mosaico romano com todas suas diferentes partes, postas com grande cuidado nos estágios apropriados deste conto. A imagem final é vívida e bem completa, incluindo (considerando apenas alguns aspectos) a elegante vizinhança residencial dos "Heights" (Elevações) onde Dwayne podia atirar quanto quisesse porque as casas eram na maioria completamente isoladas, como as vidas dos habitantes: sua agência Pontiac, com um aspecto havaiano incomum e um vendedor travesti incongruente Harry Le Sabre, o confortável restaurante onde Dwayne almoça, o Hotel Holiday — epítome de todos os aspectos redículos dos hotéis de cadeia (mas o conforto não-enfatizado está do outro lado do espelho) — as classes sociais do hospital, a área insípida dos depósitos, pano de fundo adequado para a curiosa liberação de uma personagem pelo seu autor, as distorções de Skid Row ¹⁶ — a tragédia das cidades no mundo inteiro — onde a Opera se torna uma loja de móveis através de um cinema e onde as pessoas "que não tinham amigos, parentes, propriedades, utilidade ou ambição deveriam ir" ¹⁷. E Bunny "sorriu para si próprio no espelho, na abertura ¹⁸", a Ala dos Ofensores Sexuais do Instituto de Correção de Adultos — imagem constante para Harry Le Sabre, uma vez poluída — o mágico Sugar Creek — estático na memória de Dwayne, como se fosse um enorme espelho onde crianças à Norman Rockwell brincavam. "Os buracos entre dois Universos" revelam o primeiro e o segundo planos, o sórdido e o sagrado.

Mas a focalização especial das lentes de Vonnegut está na personagem. Como as extraordinárias distorções da Galeria dos Espelhos, na Feira do Riso, o povo na cidade do Espelho aparece como máquinas.

A mãe de Dwayne que morreu ao ele nascer, foi chamada de "máquina que carrega uma criança defeituosa", enquanto seu pai, que

15 CARROLL, p. 294

16 Skid Row é o último refúgio dos que estão marginalizados

17 VONNEGUT, p. 183

18 Ibid, p. 184

a deixou, é “uma máquina de desaparecer”¹⁹. Duas prostitutas negras do sul tinham ancestrais que tinham sido máquinas agrícolas, mas agora as máquinas metálicas estavam sendo usadas ao invés das de carne.²⁰ O próprio autor é uma “máquina de escrever”²¹ e declara que são os maus hábitos que transformaram os homens em máquinas. Cada personagem torna-se uma máquina especializada em sua função particular. Lembramo-nos da brilhante sátira de Charles Chaplin, **Tempos Modernos**, como um exemplo vívido de um aspecto mais concreto desta visão. O próprio autor, como seu anti-herói, declara que ele tinha chegado à conclusão que todos os homens eram máquinas “destinadas a colidir, colidir, colidir”²². Através de uma inversão do Espelho — assim como os homens se tornam máquinas, assim também as próprias máquinas assumem certas características humanas. É significativo neste respeito que, em Londres em 1973, ano em que este livro foi publicado, houve uma conferência a respeito da Inteligência Controlada. Quão inteligentes deveríamos permitir que nossos robôs fossem, para termos certeza de que nós é que mantemos controle?

Entretanto Mid'and City é mais do que uma distorção mecânica. Há vestígios humanos por toda a parte, se bem que é verdade, algumas parecem ter uma distorção sardônica. A solidão da cidade está refletida em como Dwayne, apesar de seu charme, e quando não está ouvindo rádio ou decorando informações inúteis²³, conversa com seu cão a respeito do amor, ou joga “baseball” sozinho. Kilgor Trout, o oposto ou complemento de Dwayne, que tinha passado sua juventude observando o pai em vão, tentando proteger Bermuda Erns de extinção,²⁴ conversa com seu periquito Bill a respeito do fim do mundo²⁵. Ao contrário dos animais falantes de Alice (os primeiros na literatura infantil na Inglaterra), estes não respondem. A descrição dos perigos da vida na cidade, a comercialização brutal, tensão, crimes, roubos, drogas e suas terríveis consequências (uma impressionante ilustração de uma seringa²⁶) E.T.C. (como Vonnegut escreveria), fazem lembrar a citação muito conhecida de Guimarães Rosa “Viver é perigoso” em sua obra prima **Grande Sertão Veredas**. Há pouca necessidade da ajuda de um espelho para revelar um pouco do horror absurdo da vida numa cidade moderna. Mas a vontade de viver do homem continua tão poderosa como sempre, otimisticamente. O autor, num estilo um tanto vitoriano, comenta: “Eu dei a ele uma vida que não

19 VONNEGUT, p. 46

20 Ibid., p. 219

21 Ibid., p. 219

22 Ibid., p. 219 /23 Ibid., p. 219/24 Ibid., p. 30/25 Ibid., p. 118

23 Ibid., p. 219

24 Ibid., p. 30

25 Ibid., p. 118

26 Ibid., p. 71

valia a pena ser vivida, mas eu também lhe dei uma vontade férrea de viver. Era um acordo comum no planeta Terra" ²⁷.

Como se Kurt Vonnegut estivesse, como Alice, no papel de um visitante do espaço sideral examinando nosso planeta.

A menção de Alice nos faz lembrar de um fato curioso que, mesmo seu Mundo do Espelho não tendo nenhuma cidade real, ele ainda apresenta algumas características da vida de uma cidade moderna. O mais dramático ;, por certo, quando Alice e a Rainha estão correndo. A Rainha continua gritando "Mais rápido! Mais rápido!" e mesmo assim, nada em volta delas mudou de lugar, pois, como a Rainha explicou, "... você precisa correr o mais que puder para ficar no mesmo lugar. Se quiser ir a outro lugar, você precisa correr pelo menos duas vezes mais depressa" ²⁸. É uma sensação comum em muitas metrópoles em 1975. O próprio Carroll, inventor além de outros talentos, dá-nos o encantador e pouco prático Cavaleiro Branco, com sua deliciosa invenção que, sem dúvida, teria feito algum sucesso nesta era orientada para inventos.

A cena do trem contém uma série de comentários exagerados que também poderiam ser feitos tendo o reflexo da Revolução Industrial do século dezenove ou a Era Tecnológica do século vinte, como panos-de-fundo. O tempo do Guarda "vale mil libras o minuto", as terras no país de onde vem Alice "valem mil libras a polegada", a fumaça da máquina "vale mil libras a baforada" e a linguagem "mil libras a palavra!"²⁹. Esta preocupação aparentemente real com dinheiro nos faz lembrar dos comentários de Vonnegut sobre as mensagens telegráficas que zumbiam como cantigas de ninar ao longo dos fios telegráficos a noite toda e, como aquelas do rádio, diziam respeito principalmente a compras e vendas ³⁰.

Tão revigorante como o ângulo do Espelho em relação a espaço e personagem nestes dois contos é o original malabarismo com palavras e objetos, com a finalidade de fazer o leitor olhá-los novamente, muitas vezes para descobrir alguma verdade nova ou algum aspecto humorístico. Vonnegut continua com a atitude de um visitante do espaço sideral ou do futuro, quando dá explicações com palavras que evocam a linguagem ingênua das primeiras Cartilhas, mas com camadas mais profundas de significado. Uma espingarda, por exemplo, é "um instrumento cuja única finalidade era fazer buracos nos seres humanos" ³¹, ou "um negro era um ser humano que era preto".³².

27 Ibid., p. 71

28 CARROLL, p. 210

29 Ibid., p. 217

30 VONNEGUT, p. 53-4

31 Ibid., p. 49

32 Ibid., p. 41

Ou ainda a afirmação severa que se segue à explicação de que a nova Escola Secundária John F. Kennedy foi assim denominada em honra a um presidente que foi baleado mortalmente. "Presidentes de um país são muitas vezes baleados mortalmente. Os assassinos ficaram desconcertados pelos péssimos produtos químicos que incomodavam Dwayne" ³³.

Há muitas destas definições, enfatizando o uso corrente e muitas vezes infeliz do objeto ou do termo dados. Portanto, elas estão cheias de críticas implícitas, que muitas vezes são de humor afetoso e outras vezes são de desprezo.

Além de inventar palavras, reexaminar clichês, usar paródias e trocadilhos ³⁴, Lewis Carrol ocasionalmente adota a teoria de que, como Humpty Dumpty conta a Alice, as palavras têm a significação que ele escolher ³⁵. Os dois livros de Alice estão cheios de inúmeros exemplos. Lembramo-nos de quando Alice disse que não podia ver ninguém na estrada(o Rei desejou ter uma visão tão boa, ou da referência a um presente de desaniversário nos outros 364 dias do ano ³⁶, ou o Unicórnio declarando que "uma criança é um monstro fabuloso", ou a exposição incompleta de Tweedledee (uma maneira tão comum de se expressar hoje em dia) que ter a cabeça cortada era realmente uma das coisas mais sérias que poderiam acontecer numa batalha ³⁷.

Entretanto, o paralelismo mais interessante é a maneira pela qual ambos autores estão preocupados com Nomes. Já em **Alice no País das Maravilhas** a Lagarta que fuma narguilé perguntou: "Ei!... Quem é você?" ³⁸ num nível mais profundo do que o aparente, e o Coelho Branco muda o nome de Alice para Mary Ann, sem qualquer explicação. Na terra do Espelho, não é de surpreender que os nomes mudam, que

Horse-fly becomes Rocking-Horse fly
 Dragon-fly becomes Snap-dragon fly
 Butterfly becomes Bread-and-Butter fly

(com encantadoras ilustrações de Tenniel) ³⁹.

Entretanto, é muito significativo que haja uma floresta onde as coisas não têm nome e aqueles que a penetram até esquecem seus

33 VONNEGUT, p. 133

34 É expressivo o fato de que não há verdadeiros trocadilhos em *Breakfast of Champions*. Os trocadilhos estão fora de moda hoje em dia. O gracejo de Carrol de que as árvores dizem "bough-wough" (Bow-Wow) seria incompreensível ao leitor moderno.

35 VONNEGUT, p. 269

36 CARROL., p. 267

37 *Ibid.*, p. 242

38 *Ibid.*, p. 68.

39 *Ibid.*, p. 222-4

próprios nomes, como também os nomes de coisas à sua volta. Um universo sem nomes, onde a identidade não depende de um nome, como Shakespeare fez Romeu dizer a respeito de Julieta, há tantos anos. Nossos filósofos pragmáticos, Alice e Humpty Dumpty, contribuem com a informação óbvia de que os nomes são dados porque "é útil às pessoas os nomearem" e que os nomes deveriam significar algo. ⁴⁰

No próprio título **Almoço de Campeões**, um cereal, uma refeição matinal com um nome invocando lembranças incompatíveis de torneios, lutas de box, corredores de longa distância e Pelé, Kurt Vonnegut ridiculariza nossa apressada tendência de dar um nome a tudo, sem a devida consideração quanto à sua propriedade. O enorme caminhão no qual Kolgore Trout conseguiu pegar carona durante muitas e vertiginosas milhas, recebeu o nome de uma das enormes, pesadas e imóveis Sete Maravilhas do Mundo — Pirâmide em letras cor-de-laranja, com dois metros e meio de altura. ⁴¹ No caminho Trout viu outro caminhão com o aristocrático nome grego de Ajax. Os dois caminhões estão ilustrados, mais uma vez enfatizando a ridícula "lêse majesté" dos seus nomes. Enquanto viajava num Ford de um satisfeito negociante, Trout lhe pergunta qual é a sensação de dirigir um Galaxie, lembrando-se da Via Láctea e de seus bilhões de estrelas. Notando o extintor de incêndio com o pomposo nome de Excelsior, ele novamente pergunta a seu benfeitor o porquê daquele nome, em sua opinião. A resposta foi simples: "Alguém deve ter gostado do **som** dela". ⁴² Há realmente neste livro, como também em nossa era, uma certa ênfase em sons. Isto é reminescente do conselho que Carroll nos dá em seu deturpado provérbio.

"Cuide do sentido (trocadilho sense/pence) e os sons
(trocadilho sounds/pounds) cuidarão de si
mesmos" ⁴³

Seria interessante fazer outras considerações sobre os nomes cuidadosamente escolhidos por Kurt Vonnegut para suas personagens — Kilgore Trout, Dwayne Hoover, Harry Le Sabre, Bunny Hoover, Patty Keene, Francine Pefko, Rabo Karabekian e assim por diante. Poderíamos examinar sua total significação, sua relação com a identidade de seus donos, e, como algumas vezes a ameaçada perda de um nome e/ou uma identidade poderia meter uma personagem numa floresta muito parecida com a de Alice, da qual ela felizmente conseguiu escapar.

40 CARROLI, p. 269

41 VONNEGUT, p. 108-9

42 Ibid., p. 171-2

43 CARROLL, p. 121

No final de *Através do Espelho* há uma grande confusão quando Alice arranca a toalha da mesa naquele banquete vitoriano às avessas, e Rainhas zangadas, pernas de carneiro falantes, garrafas com asas, conchas de sopa caminhanes e estranhos hóspedes voam todos em direções diferentes. Então Alice volta confortavelmente ao seu próprio mundo, no seu lado do Espelho, onde a refeição substancial da família vitoriana está na mesa e tudo se comporta do modo mais convencional possível, pelo menos aparentemente. A questão da realidade e da ilusão continua, entretanto quando Alice começa a especular quase metafisicamente se tudo não havia sido um sonho seu, ou, como havia dito, que ela era somente uma "espécie de coisa" no sonho do Rei Vermelho, e apesar de ele ser uma parte do sonho dela também.⁴⁴ A última frase do livro apela para o leitor decidir a questão sobre a qual os filósofos já especularam há anos, e sobre a qual usaram milhares de palavras.

Almoço de Campeões também termina numa atmosfera de grande confusão. Entretanto, como convém à nossa era de violência, a confusão é mais selvagem e destruidora, pois Dwayne Hoover fica louco e suas várias vítimas são levadas ao hospital e ele próprio chega a uma eventual pobreza e vida em Skid Row. A nota final, como na obra de Carroll, é mais tranquila e também abre campos à especulação. O autor se apresenta a Kilgore Trout como seu Criador (conscientemente ou não, uma reminiscência do Bispo Berkley) e tenta oferecer a Trout uma integridade e harmonia que ele nunca havia permitido a sua personagem sentir antes.⁴⁵

Lembramo-nos, a este respeito, de uma resposta que Trout teria escrito se ele tivesse tido um lápis que simbolicamente não teve. Quando ele foi ao W.C. dos homens num cinema de Nova York, onde alguém havia escrito na parede: "Qual é a finalidade da vida?" Trout teria respondido:

"Ser
os olhos
e os ouvidos
e a consciência
do Criador do Universo,
seu bôbo".⁴⁶

44 CARROLL, p. 238. A observação de Mr. Gardner nos faz lembrar que há um eco aqui da teoria do Bispo Berkley sobre a natureza dos objetos materiais e que inclui a nós mesmos, como sendo apenas tipos de coisas na mente de Deus, o Criador". Ele acredita que Alice está assumindo a posição de senso-comum de Samuel Johnson, quando este refutou Berkley chutando uma grande pedra.

45 VONNEGUT, p. 293.

46 Ibid., p. 67.

No último parágrafo, quando Kurt Vonnegut está preguiçosa e agradavelmente dando saltos mortais, de volta ao seu vácuo, tentando alcançar seu último espelho no caminho, também se poderia dizer que ele estivesse entrando na órbita do pai-Trout, já que parece haver uma súbida fusão entre o mundo do autor e o de suas personagens. O leitor é novamente deixado a especulações.

Como tentei sugerir durante minhas considerações, ambos os mundos vistos através do Espelho estão intimamente ligados aos mundos do outro lado, que servem como intangíveis panos de fundo ou pedras-de-toque.

Em complementação ao lembrete deste pano de fundo intangível, há o fato de que, o que é sugerido por omissão ou acentuando a negativa, é algumas vezes mais importante do que o que é incluído. Isto é verdade especialmente em relação a Vonnegut. Ele tem suas pedras-de-toque e espera que seus leitores as tenham também, ou seria um desperdício de tempo escrever. Midland City — Indianapolis, Indiana (a propósito, passei dois anos muito felizes lá, não faz muito tempo, como professora visitante na Universidade de Indiana — Bloomington) poderia ser considerada uma combinação de dois universos, os dois lados do Espelho.

O próprio Vonnegut diz: "Eu não quero jogar nada fora que seja sagrado" (Prefácio). E ele não o fez.

RESUMO

Este trabalho foi planejado para ser um estudo básico e preliminar de Paralelismos entre duas obras intimamente relacionadas e, portanto, envolveu um estudo comparativo de dois textos:

LEWIS CARROLL, *No Fundo do Espelho e O que Lá Encontrou* (em *The Annotated Alice*).

KURT VONNEGUT, JR. *Almoço de Campeões*.

SUMMARY

This paper was planned as a basic preliminary survey of Parallelisms in two closely related Works and, therefore, involved a careful Comparative Study of the two texts concerned:

LEWIS CARROLL, *Through the Looking-Glass and What Alice Found There* (in *The Annotated Alice*)

KURT VONNEGUT, JR., *Breakfast of Champions*